

Jornalismo sem redação e sem rua? Trabalhadores(as) em home-office e a constituição de vínculos identitários entre a classe jornalística¹

Mayara Carolinne Beserra de Araújo²
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

O artigo analisa como os jornalistas em home-office, durante a pandemia de Covid-19, cultivaram seus vínculos profissionais sem a presença física nas redações (Araújo, 2024; Figaro, 2020; 2021;). Observa-se que o isolamento social e a plataformização do contato com colegas de trabalho causaram um afrouxamento dos *eidos* e *habitus* jornalísticos (Bourdieu, 1996; 2011;). No entanto, a aprendizagem de novas prescrições de trabalho segue ocorrendo através de redes de solidariedade entre os membros da classe, elemento constitutivo da identidade jornalística (Travancas, 2011; Traquina, 2020).

PALAVRAS-CHAVE

Jornalistas; trabalho; pandemia; identidade; home-office; plataformização.

IDENTIDADE, EIDOS E A REDAÇÃO COMO CAMPO

Como explica Bourdieu (1996, p.11), “cada profissão produz uma ideologia profissional, uma representação mais ou menos idealista e mítica de si mesma”. Essa ideologia seria um “sistemas de crença”, através do qual os(as) agentes dão sentido à sua experiência de trabalho. Tais representações definem a identidade profissional para a sociedade (externa ao grupo) e para a própria classe, afinal “(...) situações de trabalho são sistemas de interação; as pessoas interagem em séries de relações que são sociais e também técnicas. Através destas interações há definições de papéis, expectativas de desempenho (...) e definição de grupos de referência” (Traquina).

Mas, no campo do jornalismo, em que *lôcus* se desenvolvem essas interações? Em busca de delinear como se constitui a identidade jornalística no Rio de Janeiro dos anos 1990, Travancas (2011) entrevista 50 jornalistas, entre jovens e veteranos. Para se referir ao grupo os nomeia “habitantes das redações”. Sintomático, não? Justifica a autora: “Para o jornalista, a redação é o centro vivo do jornal, ou melhor, seu coração que bate e pulsa. Uma comparação pertinente na medida em que é o espaço que funciona 24 horas por dia e no qual se encontra a razão de ser do jornal” (Travancas, 2011, p. 24). Segundo Travancas, o jornalista vive em três mundos: a casa, a redação e a rua. Os dois últimos formando um só corpo. Nesses *lôcus*,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Trabalho, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Professora do Curso de Jornalismo da UFC, email: mayaradearaujo.ufc@gmail.com;

os(as) agentes jornalistas jogam o jogo da produção noticiosa e partilham os esquemas de ação e percepção que os(as) constituem classe.

Saltemos para 2020. Pandemia de Covid-19. Relatórios nacionais e locais (Figaro, 2020; Figaro, 2021; Araújo, 2024) indicam o home-office como a principal mudança vivida no trabalho de comunicadores(as) e jornalistas durante o período. Em 2020, 81% dos(as) jornalistas cearenses trabalharam remotamente e, durante os dois primeiros anos da pandemia, a adesão à modalidade manteve uma média de 64%.

Considerando que o *eidos* profissional (Barros Filho; Martino, 2003), ou seja, o conjunto de valores que forma a cultura profissional e o *habitus* manifestados pela classe, constitui-se por repetição, na interação entre os(as) agentes, como os jornalistas em regime home-office, durante a pandemia, cultivaram seus vínculos profissionais?

Notadamente, modelos de jornalismo sem endereços físicos não se inauguram com a pandemia. Arranjos jornalísticos nativos digitais, por exemplo, são a prova de que muitas redações já funcionam de maneira virtual, remotamente ou de maneira híbrida, há quase duas décadas no Brasil (Figaro; Nonato, Kinoshita, 2018; Costa; Araújo; Lima, 2020). O olhar para o período pandêmico, no entanto, revela-se oportuno por reunir um inédito contingente de trabalhadores(as) em regime remoto; e por trazer depoimentos de agentes que passam a atuar nesse campo sem experiências prévias em home-office.

METODOLOGIA

Para esta investigação, recortamos o universo de jornalistas cearenses dos relatórios nacionais produzidos pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) em 2020 e 2021, intitulados respectivamente “Como trabalham os comunicadores no contexto da pandemia de Covid-19” (Figaro, 2020) e “Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19” (Figaro, 2021); e o questionário próprio “Modalidades de trabalho em jornalismo durante a pandemia de Covid-19”, implementado em setembro de 2020 (Araújo, 2024). Juntas, as pesquisas oferecem um universo de 68 participações de jornalistas cearenses, em semestres distintos (2020.1, 2020.2 e 2021.1). Delas extraímos dados quantitativos e qualitativos a respeito das modalidades de trabalho; e das ferramentas utilizadas para mediar e organizar a produção noticiosa e o contato com fontes e demais trabalhadores(as).

PLATAFORMIZAÇÃO E PRESENÇA

Destacamos, com base nos relatórios consultados, quatro achados referentes à constituição e a manutenção de vínculos entre a classe jornalística em home-office:

1. Os vínculos se transferem para os meios virtuais: Whatsapp/Telegram (94,1%), e-mails (82,4%) e plataformas de chamadas de vídeo (76,5%) foram os mais utilizados para interagir com colegas de trabalho e superiores durante a pandemia. Quanto ao contato com as fontes, soma-se a esses três meios as ligações telefônicas (93,8%). Associa-se a essa plataformização da redação, principalmente: a. Viabilidade da continuidade do trabalho e de contato com os colegas, dada a necessidade de isolamento social durante o período; b. Ruídos de comunicação e atraso nas tomadas de decisão; e c. Falta de limites entre o trabalho e o ambiente doméstico.

Interpretamos as falhas de comunicação como indícios de *histerese* (Bourdieu, 2011): desencaixes enfrentados falta de familiaridade com os novos procedimentos. Muitos dos movimentos realizados no jogo cotidiano das redações são determinados presencialmente, entre uma conversa com editores(as), do outro lado da sala; entre vizinhos(as) de bancada; ou durante a conversa casual na espera de uma coletiva de imprensa, entre um café e um chá de cadeira (Travancas, 2011; Traquina, 2020). Durante a pandemia de Covid-19, transportam-se esses momentos para as plataformas, mas, como bem observa o(a) Participante 3C (2021), trata-se de uma outra linguagem, para a qual é preciso haver certo traquejo: “Os aplicativos são funcionais, mas ainda há muitas pessoas que têm dificuldade de se expressar virtualmente, o que torna a comunicação confusa”.

A falta de limites entre trabalho e tempo livre, no entanto, não é ocasional, mas constitui o processo de precarização do trabalho, inerente ao capitalismo flexível (Antunes, 2020) e agravado no capitalismo de plataforma, que, segundo Kalil (2020, p. 71), caracteriza-se justamente por obscurecer “as fronteiras entre emprego em tempo integral e trabalho casual, entre trabalho dependente e independente, entre trabalho e lazer”. Causa ainda o que Karhawi e Prazeres (2022) chamam de “exaustão algorítmica”: “o esgotamento causado pelo trabalho orientado por prescrições das plataformas”.

Essa exaustão se relaciona com a identidade profissional à medida que promove uma “quebra de *illusio*” (Bourdieu, 2011): o afrouxamento ou rompimento do senso e da crença no jogo. Sem *illusio*, o(a) trabalhador(a) passa a questionar o sentido do trabalho e a sua própria identidade laboral, como se observa no relato do(a) Participante 4B (2020), que considerou

abandonar a profissão: “É difícil estar o tempo todo conectado com as notícias... Sei que para os jornalistas isso é essencial, mas pelo nosso psicológico, às vezes, é bom esquecer do resto do mundo. Como jornalistas, não conseguimos”.

Por outro lado, outros depoimentos (em menor número) indicam que a mediação das plataformas ajudou a ordenar o fluxo de trabalho e a conferir maior objetividade a certos procedimentos, reduzindo a dispersão do trabalho presencial: “Valorizo muito a interação com os colegas, sobretudo porque (...) o jornalismo é sempre uma atividade que requer reflexão e criatividade. Contudo, *in loco* passo muito tempo em reuniões. No fim, [no home office] sobra mais tempo” (Participante 10A, 2020).

2. Esse aspecto se relaciona ao segundo achado: trabalhadores(as) de arranjos jornalísticos, que já atuavam em regime remoto/híbrido, tiveram menos dificuldades para lidar com as transformações do período (ao menos em relação à organização do trabalho). Seus depoimentos diferem dos demais justamente por sugerirem uma incorporação das maneiras plataformizadas em seu *habitus* de classe: “Já trabalhamos com esse modelo há mais de cinco anos, então está naturalizado. [As plataformas] São bem práticas e úteis, embora as conversas relacionadas ao trabalho se misturem com as da vida pessoal também” (Participante 11, 2021).

3. Já para os(as) trabalhadores(as) levados(as) ao home-office em função da pandemia a falta da redação (como *lócus*) e da apuração presencial da notícia causam a eles(as) um prejuízo à noção de classe. A presença, nesse sentido, é elevada a uma categoria de representação da identidade profissional e de valor jornalístico: “A redação é um ambiente dinâmico e quem se identifica com isso sente falta na solidão em casa” (Participante 24, 2020). Ou ainda: “Voltei em agosto. E me senti muito bem de voltar a socializar, encontrar as pessoas, viver o ritmo de redação... (Participante 8, 2020)”. As expressões “ambiente dinâmico”, “quem se identifica” e “ritmo de redação” indicam um vestígio de *eidos*: o tempo da e na redação forjam o comportamento da classe (Traquina, 2020; Travancas, 2011). O sentido de valor se evidencia em relatos como o do(a) Participante 1 (2020), para quem a presença pode ser determinante na construção da pauta e na apuração: “A redação tem um apelo à presença das pessoas. [...] Isso tem relação com aspectos culturais da profissão. [...] jornalismo tem essa necessidade de debate presencial para que algumas pautas possam fluir de um jeito mais apurado e criterioso”.

4. Apesar do isolamento e da fragmentação, tendências do trabalho plataformizado (Antunes, 2020; Grohmann; Qiu, 2020), o aprendizado e a adaptação de

esquemas de ação e percepção não acontece de forma isolada. São evidências relatos como esses: “Mesmo não estando presencialmente, os colegas de trabalho eram as pessoas a quem eu recorria [...], meio que fomos aprendendo juntos, conversando no Whatsapp mesmo”. (Entrevistada 10, 2024); ou ainda: “Aprender a ler e interpretar dados foi uma tarefa desafiadora, e alguns colegas que já faziam reportagens com essas ferramentas há mais tempo ajudaram bastante” (Entrevistada 3, 2024).

O processo de aprendizagem se constitui a partir de redes de solidariedade entre colegas de editoria, funcionários da mesma empresa e/ou novatos e veteranos, remetendo ao que se consolidou na cultura jornalística (Travancas, 2011; Traquina, 2020).

VÍNCULOS E MODELOS HÍBRIDOS

Entre as implicações da pandemia de Covid-19 no jornalismo está a aceleração do processo de experimentação e implantação das redações distribuídas (Trewinnard, 2020; Radcliffe, 2021), modelos de redações integralmente remotas ou híbridas, com sedes únicas funcionando apenas para reuniões e coberturas específicas ou ainda espalhadas em coworkings por várias cidades e países. Para os especialistas no tema, apesar dos traumas que essa adoção improvisada possa ter causado, o modelo seria uma tendência de sustentabilidade para a profissão.

Apesar do entusiasmo com modelos alternativos, Radcliffe (2021) reconhece o aspecto identitário do prédio de uma redação jornalística na arquitetura da cidade: “Em um momento em que a confiança na mídia permanece baixa, uma vitrine física é um lembrete importante de seu lugar – e nível de investimento – em uma comunidade”.

A consolidação de modelos distribuídos apresenta ainda muitos desafios e um deles, certamente, é consolidar formas de interação entre as equipes e promoção de uma cultura profissional em meio às flexibilizações. Acreditamos que entender como o *eidos* profissional se constitui e preserva durante a pandemia pode ajudar a refinar modelos remotos, híbridos e distribuídos em jornalismo, para que se opte por novas formas de organização e gestão do trabalho sem perder de vista a noção de classe organizada, no sentido bourdiano de comunidade que partilha linguagens e interesses comuns; e também no sentido marxista, de classe trabalhadora, que se reconhece e luta coletivamente por seus direitos. Pontuamos, nesse sentido, a importância do fortalecimento de sindicatos e de espaços coletivos de constituição de vínculos entre os(as) membros da classe, para além do ambiente próprio do trabalho.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo (org). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ARAÚJO, Mayara Carolinne Beserra de. "Eu não parei, a informação não para": como os primeiros anos da pandemia de Covid-19 impactaram o campo, os(as) agentes e o habitus de classe jornalístico no Ceará. 2024. 234 f. **Tese** (Doutorado em Comunicação) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

COSTA, Rafael; SILVA, Naiana; ARAÚJO, Mayara; LIMA, Raphaelle. Arranjos alternativos de trabalho em jornalismo no Ceará: relações de comunicação e condições de trabalho. Fortaleza: PRAXISJOR-UFC, 2020.

FIGARO, Roseli; BARROS, Janaína Visibeli; KINOSHITA, Jamir. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA/USP. 2018.

FIGARO, Roseli. **Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?** São Paulo: ECA/USP, Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2020.

FIGARO, Roseli. Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19: 1 ano e 500 mil mortes depois. São Paulo: ECA/USP, Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021.

GROHMANN, Rafael. QIU, Jack. Contextualizando o Trabalho em Plataformas. **Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 39, n.1, abr. 2020. Disponível em: <https://encr.pw/mY1mv> Acesso: 16 jan. 2024

BARROS FILHO, Clóvis. MARTINO, Luís Mauro Sá. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2011.

KALIL, Renan Bernardi. **A regulação do trabalho via plataformas digitais**. São Paulo: Blucher, 2020

KARHAWI, Issaaf; PRAZERES, Michelle. Exaustão algorítmica: influenciadores digitais, trabalho de plataforma e saúde mental. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 8003819, 2022. DOI: 10.29397/reciis.v16i4.3378. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3378>. Acesso em: 10 jun. 2023.

RADCLIFFE, Damian. **O que aprendemos com redações distribuídas**. Rede de Jornalistas Internacionais (IJNet), 2021. Disponível em: <https://11nq.com/vbA34> Acesso em: 20 jul. 2023.

TREWINNARD, Tom. The coronavirus crisis will eventually end, but the distributed newsroom is here to stay. In: **Nieman Lab**, 2020. Disponível em: <https://11nq.com/nsd9b> Acesso em: 5 mai. 2024.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 4ª ed, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística**: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis, SC : Insular Livros, 2020.